



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS VENTOS DO ECOTURISMO: UM OLHAR A PARTIR DAS PRÁTICAS

Maria José Farias da Silva¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

<https://orcid.org/0000-0003-2938-2295>

Carmen Roselaine de Oliveira Farias²

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

<https://orcid.org/0000-0001-8215-692X>

Rita Paradedda Muhle³

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

<https://orcid.org/0000-0001-8470-6294>

Resumo: Este trabalho tratou de práticas de educação ambiental em um contexto ecoturístico no interior de Pernambuco (Brasil). A pesquisa foi realizada no município de Bonito, cujo processo de valorização da natureza local voltada para o ecoturismo tem sugerido mudanças em

¹ Professora no Ensino Fundamental II e Ensino Médio na Rede Municipal de Ensino em Bonito/PE (SEDUC). Mestra pelo PPGE/UFRPE. Graduada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFPE-CAV.

² Doutora em Educação (UFSCar) com estágio sanduíche em Lisboa (CIE-UL) no âmbito do Programa CAPES/GRICES. Pós-doutorado no PPGE da PUCRS no âmbito do PNP/CAPES. Em 2022 iniciou estágio de pós-doutorado no PPGE/UFSC. Professora do Departamento de Biologia da UFRPE. Mestra em Educação para a ciência (UNESP), especialista em Direito Ambiental (UNIMEP) e graduada em Direito (FURG).

³ Doutora e Mestre em Educação pelo PPGEdu da Escola de Humanidades da PUCRS. Doutorado Sanduíche na University of Saskatchewan (Canadá). Bióloga graduada pela PUCRS (Bacharel e Licenciatura). Especialista em Diversidade e Conservação da Fauna pela UFRGS. Atualmente é pós-doutoranda CAPES no PPGE/UFRPE e professora do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE.

práticas de educação ambiental nas escolas. Por meio de uma descrição que leva em conta a narrativa histórica do ambiente local e uma observação atenta às práticas pedagógicas, procuramos estabelecer relações entre a política de ecoturismo assumida pela administração local e as práticas de educação ambiental em duas escolas municipais. Os resultados constituem um quadro sintético e panorâmico de uma aliança entre práticas educacionais e ecoturísticas, cujos sentidos enaltecem o contato direto com a natureza.

Palavras-chave: Educação ambiental. História ambiental. Práticas pedagógicas. Educação Básica.

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE WINDS OF ECOTOURISM: A VIEW FROM THE PRACTICES

Abstract: This work dealt with environmental education practices in an ecotourism context in the interior of Pernambuco (Brazil). The research was carried out in the municipality of Bonito, whose process of valuing local nature focused on ecotourism has suggested changes in environmental education practices in schools. Through a description that considers the historical narrative of the local environment and a careful observation of pedagogical practices, we seek to establish relationships between the ecotourism policy assumed by the local administration and the practices of environmental education in two municipal schools. The results constitute a synthetic and panoramic picture of an alliance between educational and ecotourism practices, whose meanings exalt direct contact with nature.

Keywords: Environmental education. Environmental history. Pedagogical practices. Basic education.

INTRODUÇÃO

A formação de um campo ambiental e de uma esfera educativa correspondente, em meados do século XX, foi condição necessária para que discursos e outras práticas com tônica no ambiente se difundissem amplamente pelos mais distintos setores das sociedades. Tal fenômeno, com o tempo, foi se mostrando complexo, com traços de um movimento multissetorial e global “capaz de mudar os principais eixos civilizatórios da sociedade contemporânea” nas palavras de Leis e D’Amato (1996).

A crítica ao materialismo vigente, aliado ao consumismo, já presente na metade final da década de 1960, indicam o início de uma transformação social. Agregado à busca pelo pacifismo global e ao surgimento das preocupações ambientais, o movimento ecológico se soma aos movimentos contraculturais da época para denunciar esses “eixos civilizatórios” como causadores dos males e desequilíbrios no ambiente. Essa mudança nas relações da cultura com o ambiente marca o surgimento do campo ambiental, um campo repleto de

disputas de forças, poderes, comportamentos e práticas (CARVALHO; STEIL, 2009).

Nos contextos ocupados pelos discursos educacionais e pedagógicos, a educação ambiental demorou um pouco mais a se difundir e a se constituir como foco de análise e pesquisa. Somente na virada do século XXI⁴ foi possível observar maior consolidação dessa interface em políticas e práticas vigentes em espaços escolares, universitários e na formação de professores.

Ao olhar em retrospectiva, percebemos que nesses últimos 20 anos houve conquistas, avanços, mas também recuos, tanto nas políticas do campo ambiental quanto nas políticas e práticas da educação ambiental em espaços escolares e acadêmicos. O imenso dinamismo das mudanças na sociedade, nas políticas do Estado-nação, na ordem internacional, na cultura global, produz efeitos múltiplos e variáveis nos modos pelos quais as políticas e práticas educacionais abarcam o ambiente.

No âmbito desta pesquisa, nosso olhar é dirigido para as práticas de educação ambiental em um município ecoturístico que passou por um processo de conversão ambiental recentemente, e cujos efeitos de ambientalização são sentidos de forma direta e marcante nas escolas. Esse processo tem suscitado certa ênfase em práticas educativas de contato direto com a natureza. Em lugar de uma natureza distante e figurativa representada por desenhos e imagens de livros didáticos, observa-se uma valorização do ambiente natural nas atividades educativas, bem como uma determinação em desenvolver habilidades de sentir e vivenciar esses ambientes.

O ecoturismo pode ser definido, de acordo com Endres (1998), como um segmento da atividade turística que se destina a utilizar social e economicamente as áreas naturais conservadas pelo seu valor estético, levando a uma

⁴ A Política Nacional de Educação Ambiental foi promulgada em 27 de abril de 1999, referida na Lei nº 9.795/99. A coordenação dessa política ficava a cargo do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação. No ano de 2012 foi homologada a resolução que estabelece as Diretrizes Nacionais para Educação Ambiental (Resolução nº 2 de 15 de junho de 2012). No ano de 2019, são extintos os órgãos gestores ligados ao tema através de um decreto presidencial, indicando o início de uma política de desmonte e silenciamento das conquistas dessa esfera no governo atual.

contemplação e vivência das emoções que desabrocham no contato com a natureza. Evidentemente, há uma herança romântica⁵ presente no ecologismo contemporâneo expressa nesta relação com o mundo natural, que busca pelo bom e belo de uma natureza idílica (PÁDUA, 2005). Podemos enxergar aqui, no ecoturismo, a busca por práticas que permitam a valorização dessa natureza, seja no campo ético, espiritual, ecológico, educacional e também econômico.

A educação ambiental produzida no “chão da escola” é, assim, um dos focos deste trabalho, visto que é nesse contexto que se materializa uma perspectiva política e didático-pedagógica da EA. Estamos de acordo com o sentido que o “contexto da prática” adquire na abordagem do ciclo de produção da política educacional (BOWE; BALL; GOLD, 1992), tomado como espaço produtivo onde a política pode ser reinterpretada e recriada pelos agentes escolares. A prática pedagógica, nessa direção, constitui uma esfera de ação que não pode ser totalmente controlada desde um plano externo, de onde se pode apurar haver influências.

Se as práticas educacionais não podem ser totalmente controladas pela política ecoturística, certamente também podem fugir de sua ingerência, o que nos leva a indagar pelos significados que adquirem as práticas de educação ambiental escolar sob tal influência. Nesse sentido, nosso contexto de pesquisa caracteriza-se como um município com uma presença expressiva de ambientes naturais que passaram a ser valorizados a partir de seus atributos ecoturísticos e nosso interesse é observar como se expressam as conexões entre o ecoturismo e as práticas de educação ambiental. Procuramos estabelecer relações entre a política de ecoturismo assumida pela administração local e as práticas de educação ambiental em duas escolas municipais.

⁵ No final do século XVIII, notadamente no período pós-industrial, a sociedade burguesa afetada pela degradação ambiental, sente a necessidade de subir as montanhas, respirar o ar puro e contemplar a tranquilidade da natureza (ZACCHI, 2014). De acordo com Carvalho (2009), tal prática se reedita na arte e literatura romancista, marcada pelos quadros e contos pitorescos retratando paraísos encontrados em meio a natureza onde o ser pode estar livre e aventurar-se, até as práticas do cotidiano da nossa sociedade como a criação de jardins em casa, até mesmo em pequenos apartamentos, desenvolvimento de áreas verdes nas cidades e a busca por passeios e piqueniques junto aos ambientes naturais.

Na primeira parte do artigo procuramos desenvolver dois tópicos que caracterizam a narrativa histórica do ecoturismo e das relações com a natureza no município de Bonito/PE, contexto em que foi desenvolvida a pesquisa. Na segunda parte, é apresentado o percurso metodológico pelo qual realizamos uma descrição das práticas de educação ambiental em duas escolas de ensino fundamental de Bonito.

ECOTURISMO: UM CONVITE À CONEXÃO COM A NATUREZA DO LUGAR

O turismo apresenta-se como uma prática de vasta amplitude, acomodando os interesses econômicos, sociais, políticos, culturais, de lazer e bem-estar, ambos voltados à exploração de novos lugares. Atualmente, o turismo ramificou-se e conforme os ambientes visitados, pode ser caracterizado como urbano, rural, ambiental, ecológico, entre outros. Devido a essa expansão, o conceito tem sido amplamente discutido (ZACCHI, 2004).

Partindo da etimologia da palavra, ecoturismo remete ao movimento de volta do ser humano à natureza original. Essa acepção parece fazer sentido quando se aborda panoramicamente a prática do turismo em ambientes naturais e conservados. Correia (2003), informa um conceito importante e difundido pelo mexicano Ceballos-Lascurián que, em 1983, dizia ser o ecoturismo, uma viagem às áreas naturais ou selvagens, com o intuito de admirar, estudar e conservar o ambiente junto com suas plantas, animais e qualquer manifestação cultural presente ou passada.

No Brasil, o ecoturismo começa a ganhar espaço por volta de 1980. Em 1985, temos o início do Projeto Turismo Ecológico que visava coordenar e organizar as atividades turísticas voltadas para o meio ambiente. Anos mais tarde criou-se também a Comissão Técnica Nacional e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) que ampliavam a discussão de conservação e, na década seguinte, foram publicadas as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, onde traz por definição:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da

interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (BRASIL, 2008, p. 16).

O ecoturismo contemporâneo surge dentro da necessidade de se reestabelecer relações com a natureza em uma tônica conservacionista e, a partir dessas relações, criar significados, sentimentos e compreensões que levem a uma sensibilidade de agir em favor de um equilíbrio ambiental.

Historicamente, o ecoturismo corresponde a um setor do ambientalismo contemporâneo que, diante do esgotamento do projeto cultural e civilizatório que considera a natureza selvagem e negativa à educação do ser humano, busca reorientar as práticas turísticas. Até então, todo movimento turístico destinava-se ao desenvolvimento das capitais, contemplando a arquitetura e a organização dos centros urbanos.

Nesse aspecto, Pires (1998) considera que o ecoturismo agrega diferentes esferas sociais montando uma *trade* turística, onde empresas de turismo, redes hoteleiras e agências de viagem compõem o perfil comercial do ecoturismo agregado às esferas políticas e governamentais que visam um desenvolvimento sustentável dessas práticas. As comunidades que, muitas vezes, estão localizadas no entorno desses espaços naturais também anseiam ser incorporadas ao comércio, oferecendo produtos e força de trabalho ao mercado turístico.

Por compor uma rede tecida a diferentes mãos, o ecoturismo é ambivalente e, no seu aspecto mais positivo, orienta-se por práticas de turismo que visam o menor impacto à conservação ambiental, sendo uma força propulsora à criação de normas e projetos de conservação de ambientes naturais e de desenvolvimento de sensibilidades e interpretação ambiental (MACHADO; CONTO, 2012).

Por outro lado, de acordo com Hintze (2009), o ecoturismo pode apresentar-se negativamente ao vestir-se de uma moda ecológica ou levantar uma bandeira verde que não seja condizente com sua prática, pois o termo ecológico ou ambiental pode, por vezes, ser utilizado como uma maquiagem para camuflar um turismo exploratório, regido por uma economia predatória, que transforma a natureza em mercadoria e lucro.

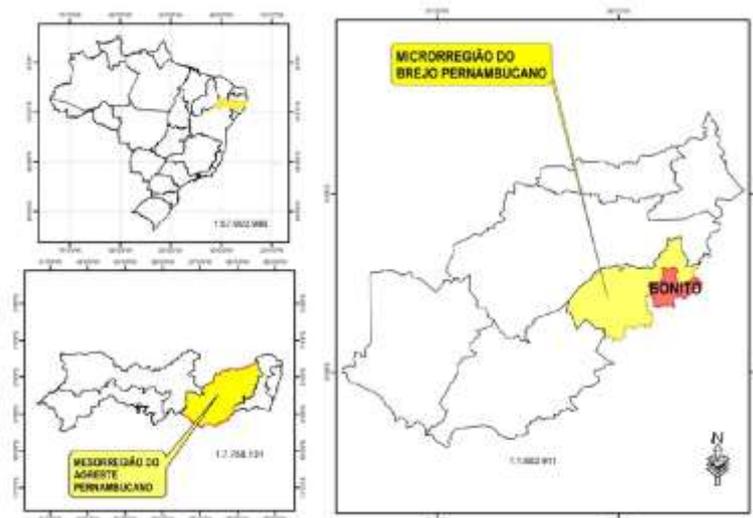
A questão é complexa e frequentemente conduz a conflitos e disputas desiguais entre os setores econômico e ambiental. A hegemonia do poder econômico neste campo costuma contrastar com práticas consideradas de cariz local e de base comunitária⁶. É preciso políticas públicas fortes orientadas para um ecoturismo que realmente utilize o prefixo eco movendo-se por meio de práticas associadas às comunidades locais, a suas culturas e atividades socioeconômicas, que conservem a beleza e a identidade dos ambientes naturais (LIMA JÚNIOR, 2012).

BONITO: POR ENTRE MONTES E VALES

Bonito está localizado na Microrregião do Brejo Pernambucano e na Mesorregião do Agreste, estado de Pernambuco (Figura 1). Limita-se ao Norte com os municípios de Camocim de São Félix, Sairé e Barra de Guabiraba, ao Sul com Palmares e Catende, ao Leste com Cortês e Joaquim Nabuco e a Oeste com São Joaquim do Monte e Belém de Maria. Atualmente o município conta com três distritos: Alto Bonito, Bentivi e Estreito do Norte atingindo uma área total de 480 Km², da qual 293 Km² pertence a área urbana e 187 Km² compreende a área rural (BONITO, 2019).

⁶ Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação (ICMBio, 2018)

Figura 1: Localização do Município de Bonito-PE



Fonte: SANTOS, 2012

O descobrimento da região onde atualmente está o município de Bonito aconteceu no final do século XVIII, entre 1783 e 1785. Esses dois anos marcam o ponto inicial de seu povoamento, onde Bonito ficou estabelecido como uma das províncias de Santo Antão (atual município Vitória de Santo Antão), segundo a distribuição e domínio dos portugueses que colonizavam as terras do Brasil naquela época (CABRAL, 1988).

A descoberta de Bonito nos remete a uma narrativa considerada mítica para alguns, porém verídica e pertencente à tradição histórica dos conterrâneos que sempre revisitam o acontecimento a fim de mantê-lo vivo. A história local conta que caçadores, vindo da povoação de São José dos Bezerros (atual município de Bezerros), encontraram naquele lugar um ambiente propício para a caça, no entanto, ao vislumbrar o cenário de belas serras, solo fértil, o verde das matas, águas cristalinas e a sensação de uma paz campestre, entenderam que o lugar representava muito mais que uma terra a ser explorada, era um lugar abençoado pela riqueza da natureza, o que fez que um dos caçadores, embalado por um sentimento de encantamento, exclamasse às margens do riacho de águas cristalinas: “Que Rio Bonito!”

A recente descoberta logo se espalhou e as comunidades circunvizinhas partiram para habitar o lugar abençoado que passou a ser denominado Rio Bonito, iniciando o processo de povoamento do município que, tempos mais tarde, retirou o termo Rio de sua nomenclatura e manteve a palavra Bonito, nome que remete ao encanto de sua natureza enaltecida desde a chegada dos colonizadores.

Como parte de todo processo de povoação, com o tempo foram produzidas transformações radicais na paisagem e natureza do local. As primeiras casas eram cabanas simples de madeira, as matas forneciam bom material, contudo, não tardou a se iniciar o extrativismo predatório. Além do atendimento às necessidades de moradia, grandes árvores passaram a ser derrubadas para comercialização de madeira e desenvolvimento da cidade. As matas foram ainda mais devastadas quando se instalaram as lavouras de cana-de-açúcar e, na sequência, o cultivo do café. Essas duas lavouras levaram a cidade ao seu esplendor econômico, tornando-se a bandeira da cidade (CABRAL, 1988).

Aos poucos começava a transformação e um novo cenário despontava saindo de cena as viçosas florestas e entrando em cena os pequenos vilarejos decorados pelas casas que ali habitavam. Os campos deram lugar as ruas e a nascente do rio Bonito, que deu origem ao nome da cidade, tornou-se a barragem do rio Bonitinho, que ainda hoje abastece a cidade.

Nesse cenário, o município desenvolveu-se e, atualmente, dispõe de algumas fábricas de pequeno porte, agricultura especialmente de inhame, goiaba, acerola e banana, comércio reduzido, atividades autônomas e o ecoturismo, que tem sido o maior investimento por parte da gestão pública nos últimos anos.

Dizer precisamente o momento exato que a cidade começou a reconhecer seu potencial para o ecoturismo é quase impossível, visto que essa atenção não ocorreu de imediato, mas constituiu um processo de valorização e reconstrução do capital natural que estava se perdendo. Contudo, consultando informações na mídia institucional da Prefeitura, podemos identificar 2016 como o ano de

aparecimento das secretarias, departamentos e conselhos voltados para esse fim.

A Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer, foi inaugurada no ano de 2017 e as primeiras ações atenderam ao setor cultural, tais como organização de festas e ornamentação da cidade em períodos festivos. Paulatinamente, o turismo foi ganhando maior ênfase, a partir da construção do pórtico da cidade, o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) e as sinalizações indicando o acesso à Colônia Japonesa e às cachoeiras.

Não tardou para se perceber que o destino preferido dos turistas eram as serras e o campo, ou seja, as belezas naturais do município. Nessa direção, as ações da administração pública voltaram-se à estruturação desses ambientes para visitação turística, criando-se uma parceria com a Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural para viabilizar ações de conservação e divulgação da natureza local.

Passaram a ser desenvolvidas atividades em contato direto com a natureza, tais como trilhas, passeios ciclisticos nas estradas, desafios de maratonismo e atividades de aventura como tirolesa e rapel nas serras e cachoeiras. A divulgação em comerciais e programas de televisão das redes locais trouxe maior visibilidade ao potencial ecoturístico, sendo então Bonito divulgada como uma das “sete maravilhas do estado”⁷.

O aumento no fluxo de turistas atraiu empreendedores que começaram a criar hotéis e pousadas no campo com uma estética mais rústica, oferecendo atividades de trilhas, banhos em bicas e piscinas com águas naturais, pedalinho, remo em lagos e outras atividades.

⁷ Esse título tem origem em um concurso realizado em 2009 pelo Sistema Jornal do Commercio de Pernambuco que elegeu as “sete maravilhas de Pernambuco”. O concurso foi idealizado depois da votação das Sete Novas Maravilhas do Mundo, realizado pela fundação New7Wonders e que teve o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, entre os sete colocados. Os sete pontos turísticos de Pernambuco eleitos foram: o arquipélago de Fernando de Noronha, as cachoeiras de Bonito, o centro histórico de Igarassu, a ilha da Coroa do Avião, também em Igarassu, as piscinas naturais de Porto de Galinhas, em Ipojuca, o sítio histórico de Olinda e o Vale do Catimbau, em Buíque, no sertão do Estado. A campanha contou com o patrocínio da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur). Informações disponíveis em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_maravilhas_de_Pernambuco Acesso em 20/09/2021.

Em maio de 2018 foi inaugurado o teleférico Governador Eduardo Campos. Ele tem 1.200m de extensão ligando a cidade à Capela de Monte Serrat onde encontra-se remanescentes de mata e uma visão da cidade, a duração do trajeto é de onze minutos. A construção do teleférico movimentou ainda mais o turismo na cidade, assim como o balonismo, que se tornou possível graças às boas condições de vento e clima do lugar. Bonito é o único município do estado a oferecer voos de balão regulares.

A fim de dar a conhecer a história e a paisagem da região, foi criado o Instituto Serra do Rodeadouro (ICR) que, através de estudos e pesquisas, vem contando a história do local da Pedra do Rodeadouro, local onde houve o movimento Sebastianista⁸ no século XVIII.

Atualmente, a cidade dispõe de três Unidades de Conservação (UC): o Parque Municipal Mucuri-Himalya, com aproximadamente 105 hectares; o Parque Municipal Mata da Chuva, com 174 hectares; e a Pedra Monumento Natural Orquídeário Pedra da Rosária, que são 52 hectares. As três UCs estão regulamentadas por lei e os turistas têm acesso a elas por meio dos guias de turismo que oferecem serviços particulares, mas estão cadastrados na Secretaria e autorizados a entrar no acesso, cumprindo as ordens de manejo que já conhecem.

Em termos administrativos e de cuidados com o meio ambiente, a gestão municipal criou conselhos e realiza periodicamente seminários e capacitações com os guias de turismo, a rede hoteleira e alimentícia e todos que desenvolvem atividades econômicas no setor turístico para garantir a conservação da natureza.

⁸ O Movimento Sebastianista caracteriza-se pela crença no retorno do Rei Dom Sebastião até então desaparecido. Este voltaria com sua tropa para salvar seus fiéis que o esperavam e iria governá-los com justiça e igualdade. Esse movimento acentuou-se em Bonito, pois os adeptos acreditavam que o Dom Sebastião voltaria de dentro da Pedra do Rodeadouro, onde segundo os relatos se ouviam vozes, viam-se vultos e pessoas eram curadas ao entrar na pedra. Portanto um grupo de homens e mulheres reuniam-se em torno dela formando uma comunidade de fiéis religiosos que alimentavam a esperança de viverem livres e sem injustiça. Vendo esse movimento como uma ameaça política o Governador do estado o reprimiu com um massacre violento que dizimou a vida de centenas de homens e mulheres daquela época (CABRAL, 2004).

Apesar dos esforços, existem dificuldades na aplicação das políticas e normas ambientais pelo setor de ecoturismo. A fim de enfrentá-las, a gestão tem trabalhado para criar mais sensibilização, a exemplo do reconhecimento dos Direitos da Natureza junto à Organização das Nações Unidas (ONU). A Lei Municipal nº940/2011 que dispõe sobre licenciamento, fiscalização, infrações e sanções ao meio ambiente foi modificada para acrescentar os Direitos da Natureza e garantir que eles sejam exercidos. Dessa forma, rios e matas dispõem dos mesmos direitos jurídicos que um cidadão bonitense goza. Não se tem notícia de que outro município brasileiro, além de Bonito, tenha tomado tal atitude.

Todas essas iniciativas estão em consonância com o objetivo de implementar no lugar um tipo de desenvolvimento atualizado a demandas contemporâneas de conservação ecológica, sustentabilidade e de bem-estar socioeconômico, o que é sabido constituir uma questão nada fácil de ser equacionada. No cenário de uma gestão pública comprometida com a sustentabilidade, a educação ambiental se converte em uma ferramenta necessária e fundamental para o redirecionamento das atitudes e formação de cidadãos orientados por valores ambientais.

Nesse sentido, além das estruturas institucionais e políticas, das normas e procedimentos administrativos, das intervenções de infraestrutura e de bem-estar social, o trabalho junto às comunidades escolares representa um passo decisivo para consolidar a vocação ecológica de Bonito. É dentro desse contexto que buscamos identificar e descrever analiticamente as ações de educação ambiental desenvolvidas em duas escolas municipais.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA: SEGUIR, VER E OUVIR

A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, por meio da qual buscamos uma maior aproximação com o nosso objeto de estudo. Para Cunha e Leite (2009), as pesquisas em educação ambiental devem dar prioridade às abordagens qualitativas, dado seu enfoque prioritário nas questões humanas e sociais.

Nesse sentido, foi realizado trabalho de campo no período de março a novembro de 2019, seguindo alguns princípios comumente aplicados à etnografia. Segundo Geertz (2008), o trabalho de campo possibilita ao pesquisador fazer uma descrição minuciosa a partir de seus diferentes instrumentos: diário de bordo, observação, entrevistas abertas e dialógicas. Entre esses instrumentos, os mais importantes são os olhos e os ouvidos aguçados do pesquisador que precisam descrever com acuidade aquilo que vê e percebe na prática.

O trabalho de campo foi realizado na Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural de Bonito, acompanhando as práticas educativas conduzidas em duas escolas: o Colégio Municipal Paulo Queiroz, localizado na cidade; e a Escola Municipal Bernardo Sayão, na zona rural do município. Nesses espaços, tivemos a oportunidade de observar e interagir com alunos e professoras de duas turmas do 6º ano.

Ao iniciar, tomamos conhecimento que a interface entre a Secretaria e as escolas estava estruturada por um “calendário ambiental temático”, que prevê atividades para o ano inteiro. Logo, o calendário ambiental tornou-se uma espécie de mapa para acompanhar e conhecer a educação ambiental colocada em prática, contudo, um outro conjunto de eventos surgiu ampliando o calendário inicialmente posto. O Quadro 1 é ilustrativo das atividades estudadas.

Quadro 1: Síntese das práticas escolares de educação ambiental coordenadas pela Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural junto às escolas (Bonito/PE – 2019)

Evento	Foco	Público
Curso de formação docente e oficinas de projetos	Inserção da natureza do local em programas de ensino e projetos	Gestores e docentes
Oficina de produção audiovisual	Produção de audiovisuais/documentários sobre a natureza de Bonito	Estudantes
Passeio fotográfico por trilhas em Unidades de Conservação	Reconhecer e registrar as belezas naturais locais	Todos os públicos/fotógrafos
Espectáculo de contação de histórias nas creches	Despertar a atenção para a temática da água	Crianças
Semana do Meio Ambiente:	Sensibilização ambiental	Estudantes e

Reflorestamento Exposição fotográfica Palestras		pais/responsáveis
Feira Municipal de Ciência e Tecnologia: Projetos das escolas	Apresentação dos resultados de projetos escolares	Professores/estudantes
Cine Ambiental	Apresentação dos audiovisuais em sessões de Cine Ambiental	Todos os públicos

Fonte: Adaptado de Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural de Bonito/PE (2019).

Para acompanhar as práticas junto às escolas foram realizados procedimentos de pesquisa, tais como observações, conversas e registros em textos. Também fizemos entrevistas semiestruturadas com a turismóloga do município e com a professora adjunta da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural, visando constituir subsídios contextuais para análise e interpretação dos resultados.

A forma que encontramos para apresentar os resultados neste trabalho foi a de um texto narrativo, a partir do qual se pretende oferecer uma descrição ordenada e linear dos achados. A análise, nesse sentido, dirige-se para os próprios acontecimentos encadeados que tornam visíveis as relações da educação ambiental com o ecoturismo por meio das práticas educativas.

No que diz respeito à ética na pesquisa com seres humanos na área das humanidades, normatizada pela Resolução 510/2016, este trabalho enquadra-se no parágrafo único do art. 1º que lista os tipos de pesquisa que não serão registrados nem avaliados pelo sistema CEP/CONEP: “pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito” (Resolução 510/2016, art. 1º, parágrafo único, inciso VII).

UM SOBREVOO EM BONITO: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS ARES DO ECOTURISMO

Nesta seção apresentamos um olhar sobre as práticas de educação ambiental estudadas durante o trabalho de campo em Bonito. A metáfora do sobrevoo remete ao balonismo que, de certo modo, pode ser associado ao nosso

percurso metodológico e analítico na pesquisa. Na prática, para fazer subir o balão é preciso aquecer o ar. O piloto pode controlar a altitude ligando e desligando o maçarico e há certa precisão nesse procedimento. Contudo, quem define o rumo do balão não é o piloto e sim as correntes de ar nas diferentes alturas. Do mesmo modo, somos levadas pelos ventos das práticas de educação ambiental e por suas circunstâncias em um contexto que assume o ecoturismo como política municipal.

Alguns pontos nos servirão de referência para que se possa apreciar o voo panorâmico, eles foram constituídos a partir do quadro de atividades realizado pela Secretaria em parceria com as escolas pesquisadas:

Quadro 2. Organização dos resultados: práticas escolares e comunitárias de educação ambiental

1. Formação docente/práticas educativas/relação universidade-escola	Curso para inserir a natureza local nas práticas pedagógicas / Oficinas preparatórias da Feira de Ciência e Tecnologia / Divulgação e ações e projetos
2. Formação estética ambiental/ Produção técnico-artística	Produção fotográfica das belezas naturais locais/ Exposição fotográfica
	Produção de audiovisual / documentários sobre a natureza de Bonito / Cine Ambiental
	Contaçon de histórias com a temática da água/ educação infantil
3. Sensibilização/ articulação escola-comunidade	Engajamento em ação de reflorestamento /Palestras

Fonte: As autoras.

NO TERRITÓRIO DA ESCOLA: FORMAÇÃO DOCENTE, PRÁTICAS EDUCATIVAS, RELAÇÕES UNIVERSIDADE-ESCOLA

Percebemos que a escola é o contexto primeiro do calendário ambiental de 2019. Tão grande é a importância e a centralidade atribuída à escola que a primeira atividade prevista foi a formação de gestores e docentes. Conversando com alguns deles, nos disseram que a *formação se torna rica ao trazer para eles mais elementos sobre como trabalhar a Educação ambiental nas escolas e sala de aula.*

Nos momentos formativos vivenciados, foi passada a orientação dos professores elaborarem projetos e ações envolvendo a natureza de Bonito, especialmente representada pelas Unidades de Conservação. Com efeito, as UCs que permitem visitação são espaços naturais que a cidade oferece para o desenvolvimento de ações de conservação, pesquisa científica, ecoturismo e educação ambiental. Ademais, destacamos a interpretação ambiental como ferramenta valiosa de educação voltada para o contato direto com a natureza para o ecoturismo e práticas de educação ambiental.

Como contrapartida a esses momentos formativos, a Secretaria responsável pela formação e pelo calendário ambiental colocou-se disponível para apoiar as escolas no desenvolvimento das atividades.

Observa-se que a formação de professores e gestores no início do ano letivo constitui uma ferramenta importante para orientar as demais práticas pedagógicas ao longo do ano. Sobre a formação, Martins e Schnetzler (2018) reforçam a importância desses momentos, visto que muitos professores não se sentem preparados para desenvolver com autonomia a educação ambiental. Os autores recomendam que deve haver espaços formativos, com momentos de reflexão da práxis e sugestões aplicáveis para sala de aula, momentos de renovação, para a construção de uma formação de professores crítica e emancipatória nas escolas.

No contexto em estudo, os professores participantes do processo formativo reconheceram muitos pontos positivos na vivência: a contextualização do município; a natureza local; e os problemas enfrentados. De certo modo, a formação representa um ponto de partida, ficando para os docentes e coordenadores pedagógicos o caminho aberto para desenvolverem suas próprias práticas, que teriam ainda mais potencial se fossem dialogadas e articuladas com a secretaria, a fim de se desenvolverem novas metodologias e outras áreas do conhecimento.

Contudo, como em outros contextos, as formações costumam não atender plenamente as necessidades dos docentes no chão na escola. Apesar da oferta de apoio da Secretaria, persistia uma queixa entre os professores

quanto à falta de recursos, de material concreto e físico, para que eles possam trabalhar na prática.

Essa problemática é recorrente e nos leva a refletir. Faltam de fato materiais didáticos apropriados? Com eles as dificuldades de se fazer educação ambiental seriam equacionadas no âmbito da escola? A nosso ver, a problemática é complexa e não se resolve somente com o material didático, mas tampouco sem ele. Acreditamos que é possível desenvolver ações formativas mais compatíveis com as necessidades das escolas e dos professores se houver mais atenção às suas demandas. O que eles esperam de uma formação? Talvez, uma possível resposta, seja o apoio direto para a elaboração de projetos e de sequências didáticas, o compartilhamento de boas experiências que pudessem ajudá-los a obter resultados satisfatórios.

Além disso, a partir da diversidade cultural e ambiental que há no município poderia se elaborar, coletivamente, materiais educativos apropriados, de autoria dos próprios professores, resultando em instrumentos práticos, contextualizados, interdisciplinares e norteadores de novas práticas pedagógicas.

Ainda no território estrito da escola, no mesmo ano foi idealizada e realizada a 1º Feira Municipal de Ciência e Tecnologia de Bonito, com o tema: “Bioeconomia: diversidade e riqueza para o desenvolvimento sustentável”. Para a realização do evento, os gestores das escolas foram convidados a conhecer a proposta e a incorporá-la no calendário escolar.

Um dos focos da Feira foi a oferta de oficinas temáticas para os alunos da educação básica, ministradas por estudantes universitários e profissionais, a exemplo de nutricionistas, enfermeiros, socorristas, entre outros convidados parceiros do evento. Os produtos desenvolvidos nessas oficinas seriam apresentados pelos alunos na Feira. As oficinas foram realizadas em conjunto com os professores das escolas e tiveram por objetivo a participação ativa dos alunos.

Chama atenção que a Feira tenha permitido maior aproximação entre universidade e as escolas por meio das oficinas. Miranda *et al* (2018) relatam

sobre um histórico distanciamento entre o que é produzido na academia e o que é vivenciado na realidade escolar. De um lado são erguidos muros e esquecidos os contextos escolares; do outro persiste desconfiança e preconceito quanto ao restabelecimento dessas relações.

Quanto à prática de oficinas, de acordo com Demoly e Santos (2018), elas contribuem com as percepções dos alunos que passam a se conhecer melhor experimentando suas aptidões e habilidades. Importante dizer que os participantes demonstraram engajamento e interação, assim como aconteceu com os mediadores da intervenção.

Outro aspecto que merece reflexão foi a abordagem acadêmica empregada na metodologia das oficinas. Nossa observação fez notar que a escrita acadêmica despertou interesse dos professores da educação básica, que tende a se desgastar diante da rotina escolar que o professor precisa cumprir. Como mencionado por Ludke e Cruz (2005), há um debate atual, mas que já vem de tempos, em torno da figura do professor pesquisador. Muitos professores com a rotina de trabalho, não encontram possibilidades de se manter envolvidos com práticas de pesquisa. Por isso, consideramos que atividades como essas podem renovar o interesse investigativo do professor, olhando para sua sala de aula como campo de pesquisa e assumindo-se como um professor pesquisador.

Passado o período de oficinas, foi lançado um edital para inscrição de projetos a serem apresentados na Feira. O evento foi realizado na quadra de uma escola municipal e contou com a participação de escolas municipais e particulares. Outras escolas e até creches do município foram convidadas para prestigiar a apresentação dos projetos, sendo um dia intenso de apresentações para os alunos.

Os projetos apresentados tiveram conteúdo variado, incluindo trabalhos com ênfase teórica e prática. Destacamos as seguintes temáticas: uso de plantas medicinais em comunidades rurais; turismo em Bonito; mudanças climáticas e o impacto na vegetação; compostagem; produção de repelentes naturais; produção de bioplástico a partir de batatas; reaproveitamento integral dos

alimentos; maquetes funcionais sobre o ciclo da energia; construção de modelos didáticos, entre outros.

Durante a Feira houve também apresentação de livros de literatura infantil referente à temática ambiental e distribuição de mudas para plantio.

CONTEMPLANDO E REGISTRANDO A NATUREZA DE BONITO: FORMAÇÃO AMBIENTAL ÉTICO-ESTÉTICA E PRODUÇÃO TÉCNICO-ARTÍSTICA

Entre as atividades consideradas de formação ético-estética ambiental (MARIN, 2007), incluímos a contação de histórias em alusão ao dia da água, 21 de março. Quem faz a contação das histórias é uma atriz de teatro. Diferentemente das edições de anos anteriores, em 2019 essa atividade aconteceu forma itinerante, ocorrendo em dois dias e atendendo a três escolas e três creches. Dessa forma, conseguiram alcançar um público maior, pois segundo o pessoal da Secretaria, quando se tinha uma data e local fixo, era frequente algumas escolas convidadas não comparecerem.

A prática de envolver arte e literatura com educação ambiental, por meio de contação de histórias, mostra ser uma metodologia interessante para incorporar a temática na educação infantil e nas séries iniciais. Medeiros *et al* (2011) observam que as problemáticas ambientais devem ser trabalhadas nas escolas com as crianças, pois elas costumam estar abertas à sensibilização e precisam crescer aprendendo a cuidar da natureza. Por isso é necessário que as escolas comecem a trabalhar a educação ambiental desde cedo.

Mais adiante encontramos uma atividade que, ainda envolvendo as escolas, abre-se a outros públicos. Trata-se do 1º Passeio Fotográfico de Natureza com o tema “Bonito de Ver, Viver e Preservar”.

Esta atividade foi aberta a estudantes, cidadãos e fotógrafos profissionais, ou seja, qualquer interessado poderia participar desde que portasse uma câmera ou um celular que atendessem à função. A atividade teve adesão de fotógrafos da cidade e de fora, tanto profissionais quanto amantes da fotografia.

Durante a Semana do Meio Ambiente, a produção fotográfica resultante foi direcionada para a Exposição Fotográfica de Natureza, aberta a todos os públicos visitantes, mas com foco nas escolas que agendaram seus horários para então participar.

Pelo que observamos, a atividade teve pouca adesão das comunidades escolares, provavelmente pela coincidência do evento com o período de provas. Esse fator, como se sabe, ainda costuma ser problemático em sistemas escolares que mais rígidos. No caso em questão, apesar dos acertos entre Secretaria e as escolas, prevaleceram os cronogramas internos. Ao final da Feira, a produção fotográfica foi cedida à Secretaria para servir a fins didáticos.

Ainda na direção da valorização de um olhar estético para a natureza local, foi promovida a 3ª Oficina Audiovisual que aconteceu na Biblioteca Municipal Digital da cidade e em espaço aberto, no período de três dias, ministrada por profissionais da área. Foram convidados até três alunos de cada escola que aceitaram participar da atividade. A presença de alunos na oficina era pré-requisito para participar do Prêmio Cine Ambiental.

Os alunos que participaram tiveram de aprender técnicas, buscar informações e voltar para as escolas como monitores no desenvolvimento do trabalho, auxiliando seus colegas na produção audiovisual. A produção audiovisual resultante da oficina foi apresentada durante a quinta edição do Cine Ambiental, que aconteceu no mês de novembro, no âmbito da 1ª Feira Municipal de Ciência e Tecnologia. O Cine Ambiental é um festival temático e naquele ano teve por tema “Direitos da Natureza”.

As produções audiovisuais têm duração de 10 a 15 minutos e tiveram formato de documentários. Eles foram avaliados por profissionais da área ambiental e as escolas receberam troféus e premiações em dinheiro para investir em mais atividades e projetos ambientais.

O Cine Ambiental demonstrou ser um dos momentos mais aguardados pelas escolas, gestores, professores e estudantes. Os vídeos são produções com boa qualidade visual, apresentam belas paisagens e também algumas realidades não tão belas, como lixo, desmatamento, queimadas, mas todas

dentro do contexto de Bonito. Os alunos participantes engajam-se na proposta e vão a fundo nos assuntos, fazendo filmagens em matas, serras e rios.

O Cine Ambiental foi uma espécie de culminância, que gerou muita emoção. Os premiados se emocionaram, choraram, contaram suas dificuldades e superações, mudanças de visões em relação ao meio ambiente, descoberta das belezas da natureza e da vontade de fazer algo a mais por ela.

Marchiorato (2018) traz uma reflexão sobre o uso de tecnologias aliadas à educação ambiental. Para ele, de fato, a problemática ambiental tem suas raízes no desenvolvimento da sociedade científica e tecnológica. No entanto, nos dias de hoje, é inevitável não lidar com a tecnologia, uma vez que elas fazem parte da cultura e sociedade contemporânea.

Assim, para ele devemos buscar o uso responsável da tecnologia que pode se constituir uma ferramenta a educação ambiental. Atividades como criação de sites, blogs, fanpages, canais de YouTube, jogos, criação e edição de vídeos e tantos outros que são do conhecimento dos alunos e que podem agregar conteúdos ambientais, utilizando-se do meio digital para propagar e aprender sobre as questões ambientais.

AMPLIANDO OS SENTIDOS: SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL E ARTICULAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE

Durante a Semana do Meio Ambiente, no mês de junho, a Secretaria desenvolveu atividades que não estavam programadas no calendário, mas que todavia tornaram-se oportunas: um dia de reflorestamento, palestras nas escolas com os pais dos alunos e uma Exposição Fotográfica, a qual já foi apresentada e discutida anteriormente.

Para a atividade de reflorestamento, foram convidados dois alunos e um representante de cada escola do município, além das famílias. Houve grande mobilização da Secretaria que preparou materiais, local e transporte, porém, não houve receptividade pela maioria das escolas e, no dia, apenas um grupo constituído de oito alunos, uma coordenadora e um familiar participaram da ação.

Segundo Arnaldo e Santana (2018), o envolvimento dos familiares com as atividades ambientais é extremamente necessário para que haja a formação de sujeitos conscientes de sua importância na conservação do meio ambiente e para minimizar os danos ambientais nos bairros em que moram. Porém, a participação dos pais e responsáveis na vida escolar costuma ser escassa.

Os participantes tiveram a oportunidade de observar sobre tipos de mudas utilizadas para ação de reflorestamento, a diferença entre plantas nativas e exóticas, as condições do solo para plantio, distância entre as mudas, a importância do monitoramento da área pós plantio, o descarte correto do plástico das mudas e a questão do clima, quando foi solicitada atenção dos presentes para sentir o microclima do lugar. Sentir o clima, olhar ao redor, contemplar a paisagem, eram outras formas que os monitores usaram para acionar a percepção do ambiente.

Costuma-se considerar que esse tipo de prática oferece recursos para maior sensibilização das pessoas, visto que as colocam em contato direto com a natureza, mobilizando todos seus sentidos (VIEIRA; BIANCONI; DIAS, 2005). O contato direto com a natureza tem o potencial de suscitar sentimentos de contemplação, de pertencimento e de cuidado com o meio em que se vive.

Na mesma semana aconteceu um ciclo de palestras nas escolas com pais e responsáveis pelos alunos, trazendo o tema “Os direitos da natureza e a nossa responsabilidade socioambiental”. Nas palavras foram desenvolvidos diversos tópicos, tais como: o que é o meio ambiente?; a importância da água, ar, solo e luz solar para nossa sobrevivência; os direitos da natureza; a quantidade de mata local; problemas ambientais da cidade (enchentes, queimadas, agrotóxico e lixo). As palestras procuraram estabelecer proximidade com a comunidade de pais, utilizando linguagem e medidas simples para evitar o desperdício de água e energia, usar os recursos de forma consciente e fazer o descarte do lixo de forma correta.

Diferentemente da ação de reflorestamento, as palestras obtiveram a presença e a atenção dos pais e responsáveis, que aparentavam estar preocupados com os problemas ambientais presentes em Bonito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das descrições e discussões, consideramos que as práticas ambientais encontram-se ainda em estruturação em Bonito - Pernambuco, cujo processo foi desencadeado a partir da necessidade de criar-se uma cultura de valorização da natureza local visando apoiar o desenvolvimento do ecoturismo.

Nesse contexto, as práticas pedagógicas podem ser tomadas como efeitos da gestão do ecoturismo pela administração pública, mas também como produtora de novas concepções e atitudes orientadas agora por um viés de conservação e valorização do patrimônio natural, o qual é considerado agora fator de desenvolvimento e de bem-estar para os moradores do município. Esse parece ser o ideário que permeia a educação ambiental incentivada e praticada nos contextos escolares pesquisados.

Tais práticas são diversas e planejadas para atingir as comunidades escolares e também uma população mais ampla envolvidas com Bonito - Pernambuco. Os resultados indicaram três principais práticas de produção da EA ao longo do ano: 1. Formação docente/práticas educativas/relação universidade-escola; 2. Formação estética ambiental/ Produção técnico-artística; 3. Sensibilização/ articulação escola-comunidade.

Percebemos que tais iniciativas persistem enfrentando desafios como falta de adesão de escolas nas atividades e espaço dentro dos planejamentos escolares para desenvolver mais atividades ambientais. Felizmente, não se limitam a isso, visto que constituem parte de um processo de ambientalização mais abrangente, incluindo o processo de Bonito se consolidar um destino ecoturístico.

REFERÊNCIAS

ARNALDO, Maria A.; SANTANA, Luiz C. Políticas públicas de Educação ambiental e processos de mediação em escolas de Ensino Fundamental. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 599-619, 2018.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL, ICMBio. **Turismo de base comunitária em Unidades de Conservação Federais**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. 2018. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017.pdf Acesso em: 24/ 09/ 2021.

BOWE, Richard; BALL, Stephen J.; GOLD, Anne. **Reforming Education and Changing Schools: case studies in policy sociology**. London: Routledge, 1992.

BONITO, Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural Diretoria de Educação Ambiental. Calendário Ambiental, 2019.

CABRAL, Flávio J. G. **Bonito: das caçadas às indústrias**. FLAM-CEHM, Recife, 1988.

CABRAL, Flávio J. G. Desertores, desempregados e outros elementos perigosos na “cidade do paraíso terreal”. A rebelião sebastianista na serra do roedor (Pernambuco, primeira metade do século XIX). **História e Perspectivas**, 2004.

CARVALHO, Isabel C. M. Paisagem, historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza. **Confluente**, Bologna, v. 1, n. 1, p. 136-157. 2009.

CARVALHO, Isabel C. M.; STEIL, Carlos A. O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, N. 34. Set./dez., 2009.

CORREIA, Celecina B. da S. **Evolução do ecoturismo no Brasil: de 1993 a 2003**. 2003. 83 f. Monografia (Especialização em Ecoturismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

DEMOLY, Karla R. A.; SANTOS, Joceilma S. B. Aprendizagem, Educação ambiental e Escola: modos de agir na experiência de estudantes e professores. **Ambiente & Sociedade**, v.21, 2018.

CUNHA, Alecsandra S.; LEITE, Eugênio B. Percepção ambiental: implicações para a Educação ambiental. **Sinapse ambiental**, 2009.

ENDRES, Ana V. Sustentabilidade e Ecoturismo: Conflitos e Soluções a Caminho do Desenvolvimento. **Turismo em Análise**. v. 9, n. 1, p.37-50, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HINTZE, Hélio C. Ecoturismo na cultura de consumo: possibilidade de Educação ambiental ou espetáculo? **Revista Brasileira de Ecoturismo**. v.2, n.1, p. 57-100, 2009.

ICMBio. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação: Princípios e Diretrizes**. Brasília – DF, 2018

LEIS, Hector R.; D'AMATO, José L. Contribuição para uma teoria das práticas do ambientalismo. **Revista de Ciências Humanas**. v. 14, n. 19, p. 9-43, 1996.

LIMA JÚNIOR, José H. A Prática do Ecoturismo em Propriedades Rurais. **Especialize**, 2012.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli B. Aproximando universidade e escola de Educação Básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v.35, n.125, 2005.

MACHADO. Álvaro L. M.; CONTO, Suzana M. Práticas ambientais para a minimização de impactos ambientais do ecoturismo: informações de gestores de agências de viagem do Rio Grande do Sul. **CULTUR Revista de Cultura e Turismo**. n.14, p. 31-46, 2013.

MARIN, Andreia A. Ética, estética e educação ambiental. **Revista de Educação**. n. 22, p. 109-118, 2007.

MARTINS, José P. A.; SCHNETZLER, Roseli P. Formação de professores em educação ambiental crítica centrada na investigação-ação e na parceria colaborativa. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v.24, n.3, p.581-598, 2018.

MARCHIORATO, Henderson B. Educação ambiental: a tecnologia a favor da natureza. **Kínesis**, v. 10, n.23, p.85-99, 2018.

MEDEIROS, Aurélia B.; MENDONÇA, Maria J. S. L.; SOUSA, Gláucia L.; OLIVEIRA, Itamar P. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, 2011.

MIRANDA, Luciana L.; OLIVEIRA, Priscila S. N.; SOUZA FILHO, José A.; SOUSA, Suzana K. R. B. A Relação Universidade-Escola na Formação de Professores: Reflexões de uma Pesquisa-Intervenção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n.2, p.301-315, 2018.

PÁDUA, José A. Herança romântica e ecologismo contemporâneo: existe um vínculo histórico? **Varia História**, Belo Horizonte, n. 33, p. 58 – 75, jan. 2005

PIRES, Paulo S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo - visão e ação**. v. 1, n.1, p. 75-91, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BONITO-PE. **Dados do Município**. Acesso em: 20.nov.2018.

SANTOS, Edjane M. **Diagnóstico da Geodiversidade e potencial Geoturístico do município de Bonito, Agreste de Pernambuco.** 2012. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

VIEIRA, Valéria; BIACONI, Maria L.; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de Ciências. **Educação não-formal/artigos**, p. 21-23, 2005.

ZACCHI, Giancarlo P. Turismo ecológico e ecoturismo: diferenças e princípios éticos. **Diálogos & Ciência**. Ano II, n. 4, jun. 2004.